

Repike de preços causará reação

Helval Rios

O governo está assustado com o repique dos preços. E sempre que o governo assusta, ele acaba assustando toda a sociedade com muitas medidas que adota, na pior das hipóteses, até por mero reflexo de auto-defesa. A reação de ontem, anunciada pela secretária Dorothea Werneck (ver matéria na página 6) não passou de um cartão-amarelo para os empresários que vêm cometendo abusos da remariação¹ de preços. Mas a próxima reação, a depender do comportamento da conjuntura, pode vir na forma de um cartão-vermelho, que pode ser, por exemplo, um pacote de medidas mais duras. E quando se fala em pacote, no Brasil, só Deus sabe o que pode vir dentro dele!

O fato concreto, que começa a evidenciar na prática, é que a política soft começa a fazer água, o que é revelado pela ascensão dos índices de preços, alguns caminhando, visivelmente, para a barreira dos 15 e 20%, que jamais pode ser atingido impunemente, isto é, sem que se tenha, em contrapartida, reações fulminantes do governo.

Sempre que os índices de preços caminharam para esta barreira, equipes econômicas foram trocadas (vide Funaro e Bresser Pereira), pacotes drásticos foram adotados (Cruzados II e III, Planos Bresser e Collor II). E a cada adoção de pacote ou mudança de equipe, desarruma-se tudo, perde-se um semestre inteiro, um ano, até aprofunda-se a recessão e com ela o achatamento dos salários, o desemprego e a crise da esperança.

Pacte

Todos concordam que a melhor opção seria a do diálogo entre os agentes econômicos e o governo, o

que remete o País para a tão desgastada expressão do "pacto social".

Na prática, o que se faz nas câmaras setoriais, é um arremedo desse pacto, ideia que pode evoluir para um verdadeiro pacto a partir da participação dos trabalhadores. Mas até esse arremedo, ao que tudo indica, é difícil de se manter no Brasil. Quem não se lembra dos famosos "acordos de cavalheiros" das eras Delfim-Simonsen, levados sempre aos trancos e barrancos? Sempre foi assim: em volta da mesa, todos concordam com tudo. Saiu dali, é o salve-se quem puder.

Mas um país não pode ser conduzido dessa maneira. Tem de haver ética, acordos, palavra cumprida, garantias, cooperação, transgêncnia, sacrifícios. Se não houver isso, nada se constrói. É ingênuo supor que se vai conseguir, sozinho, aumentar os preços na frente dos outros. O que se ganha hoje perde-se amanhã em novos custos crescentes e, no final da linha, mergulha-se o País na hiperinflação e na estagnação econômica, com as quais todos perdem.

Cooperação

Entretanto, como dizem alguns economistas neo-clássicos, triste da política econômica que tem de apelar para o "espírito de cooperação". A política econômica tem de ser tal que induza os agentes econômicos ao comportamento que deles se quer obter.

Assim, se há abuso de preços, pela nítida falta de concorrência (e não por excesso de demanda) a solução estaria em se escancarar o mercado interno ao internacional, mediante uma avalanche de alíquotas zero no Imposto de Importações, abertura da remessa de lucros, disciplinamento da propriedade intelectual, abertura econômica

mesmo, para valer e deixar que o idiotazinho que quer lucro líquido de 1000% se veja lá com a entrada maciça de mercadorias estrangeiras, instalações no País de toda e qualquer indústria e escritório de serviços, bancos, etc, ou seja, com a concorrência. É assim que pensam os neo-clássicos. E talvez haja, aí, uma ponta de razão, no sentido de que a economia brasileira não sai do ciclo vicioso em que se meteu, e do perverso comportamento de buscar a hiperinflação se não for por um choque de oferta.

Oferta

Talvez esteja aí a pista de um novo caminho: até agora sempre procuramos adotar uma política econômica de combate à demanda (achatamento de salários, corte dos investimentos públicos, aumento de impostos, etc) e nunca nos preocupamos com o outro lado da questão — o estímulo da oferta.

O governo, por exemplo, vem dando "gratuitamente" reduções do IPI para vários setores. Por que não vincular tais "prêmios" ao aumento da produtividade? Ou por que não se adotar um redutor de encargos sociais para os que geram, mais empregos? Por que não criar condições reais e efetivas que atraiam para cá o capital estrangeiro, e termos, assim, dezenas de milhares de novas empresas se instalando, produzindo mais e melhor, gerando renda e empregos novos, expandindo a oferta e saindo do marasmo? Por que? as políticas econômicas dos últimos anos, adotadas no Brasil, jamais levam em conta a expansão da oferta, e ocupam-se apenas em combater a demanda? Será porque gostamos de viver de pacote em pacote, de equipe econômica em equipe, ou porque temos a vocação para o caos?